

OS PAIS DE JESUS EM O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO, DE SARAMAGO

Rafael Muniz Sens¹

RESUMO:

No presente artigo, refletimos um pouco sobre a relação de alguns personagens apresentados no romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago, e como estes podem repercutir a ideia saramaguiana de ironia e crítica a ser repassada através da obra. Discutimos sobre como isto é aplicado nos personagens Deus, José e Pastor do romance e como se dará a concepção reinterpretativa da paternidade deles no enredo.

Palavras chaves: José Saramago; Teologia; Literatura.

1 Introdução

A fluidez da literatura permite serem sempre possíveis novas releituras de obras consolidadas, de conceitos estabelecidos e estudados por gerações anteriores que ainda afetam fortemente as seguintes. José Saramago, no célebre livro *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, faz sua leitura própria através de uma literatura considerada até hoje unânime, mas que não passa de uma versão plana, a arte, de um conteúdo esférico, a realidade. Tanto Saramago quanto Silvana de Gaspari, em ensaio comparativo entre teologia e literatura, defenderão que os escritos religiosos são relatos fictícios que não necessitam de separação do artístico por possuírem características próprias de uma fé específica.

Estudar a ideia de um Deus através da literatura não é algo inédito (GASPARI, 2011: 125). Fazendo parte de uma sociedade que é carimbada por preceitos religiosos, ter contato com uma literatura que possui esta deglutição de elementos considerados sagrados como conteúdo e base para a obra é conectarmos incessantemente ideias pré-moldadas com novos pensamentos e suas respectivas ramificações, a fim de gerar novas reflexões não somente do assunto em si, mas de tudo que está marcado por ele ao nosso redor. Essa mascarada atualização de objetos cronologicamente ultrapassados, por mais que ainda presentes na atualidade, vai sempre abrir espaço a novas interpretações e

¹ Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Acadêmico do curso de Letras – Português.
rafaelmsens@gmail.com

propostas, dependendo não apenas de contextos sócio-históricos, mas da nova visão de cada camada de modificação adicionada a cada releitura deste mesmo material.

Ser romancista ou historiador rege processos de cunho curioso e semelhante. A História e o seu estudo, mesmo que considerada uma ciência, não deixa de ser a literatura do que realmente aconteceu. No processo de recriação do passado, a narrativa apresenta a face de um mundo que é mutável através da leitura. Tanto é o leitor responsável pela “ficcionalização da História e pela historização da literatura” quanto é o autor o agente a escolher o que selecionar ou não dos fatos (REMÉDIOS, 1994: 13-14).

Se numa perspectiva tradicional tanto a História quanto a literatura pretendem representar a realidade, a análise de seus discursos pode revelar às vezes a enganosa retórica de sua construção, que camufla uma perspectiva que finge falar em nome da verdade, para melhor estabelecer uma situação de dominação. Isso porque tanto a literatura quanto a História baseiam-se em interpretações. [...] O texto resultante de ambas será sempre uma reescritura, uma apropriação que seleciona e valoriza alguns elementos e “esquece” outros, revelando para o leitor atento que uma perspectiva ideológica está ali subjacente, criticada ou referendada. (DUARTE, 1994: 27-28).

Imerso neste contexto e pensamento, Saramago lança, em 1991, *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Afiado e ousado para a época e para além dela, o escritor português capta para si passagens cristãs e as reinventa de maneira a reconstruí-las como bem prefere ou tem intenção. Tomado por esta ideia, ele reter-se-á nos personagens que julga lucrarem um maior número de críticas e pensamentos que pretende propor ao longo do romance, além de selecionar delicadamente os acontecimentos e modificá-los, por vezes de forma sutil, por outras, de maneira abrupta, tornando-os próprios. Saramago consegue “renovar esteticamente seu discurso, o qual [...] aproxima-se do cotidiano das pessoas imerso numa História já antiga, porém viva” (REMÉDIOS, 1994: 15).

Assim como Saramago, façamos nossas escolhas e pensemos, então, na relação de personagens apresentados neste romance do autor e como estes podem refletir na ideia saramaguiana a ser repassada através da obra e de sua literatura. Das diversas apropriações sagazes do escritor, tomemos como ponto de reflexão as representações

paternais dos personagens Deus, José e Pastor, além da própria posição de criador do autor e do narrador.

2 José, o pai humano

Homem e mortal, Jesus é concebido por Maria e José. Da mãe herdou pouco; do pai, para seu desgosto, tomou além do que desejava. Por não ter sido muito explorado e detalhado pela teologia cristã, José torna-se um personagem extremamente maleável ao poder do narrador. O pai biológico é humano, apenas humano e, por isso, arca com as consequências dessa medíocre limitação. Além disso, por ser perecível e frágil, é retratado com desdém e de forma pejorativa. É fiel e temente a Deus, o que deixa indícios de uma tendência irônica da parte do narrador. Mesmo que possua certa astúcia e consiga sustentar a família de forma digna, é veementemente zombado e diminuído. É carpinteiro e parece não dar muita conta do próprio trabalho, mesmo que, verdade seja dita, se esforça para tanto.

Sendo machista e principal preservador de sua virilidade, tem seu perfil másculo debochado em certa passagem, como na em que “alegrou-se José em seu coração porque, não querendo confessá-lo, intimidava-o a ideia de ter ir enfrentar-se sozinho com sua mulher” (SARAMAGO, 2013: 39). Nesta mesma passagem, tem também sua palavra duvidada por emissários, que recorrem ao relato de um ocorrido à Maria, sua mulher. Honrando sua imagem de homem ridículo, sua trajetória ao longo do livro decai de péssimo a pior. Da neutralidade do início da obra, quando se encontrava o casal em certa harmonia e estabilidade, o nascimento do filho primogênito, Jesus, marca o começo de uma jornada de acontecimentos na vida desse personagem.

Assim que Jesus nasce, ainda em cidade estrangeira, a família passa pelas primeiras dificuldades elencadas no romance. Por necessidade de sustentar a mulher e o filho recém-nascido fora de casa e do emprego habitual, José arranja um trabalho manual qualquer por tempo indeterminado, até que pudesse ir embora dali com a família. Durante este período, ouve ele o boato, que viria a se tornar realidade, de que Herodes pretendia mandar matar todos os meninos menores de três anos de idade. Aterrorizado pela ideia de perder o filho, o pai comete o “ato imperdoável” de salvar a própria família do holocausto, mas, para isso, pratica o crime de não avisar as famílias

restantes de cidade, que gritam à degolação de seus filhos mais novos. Já diz um anjo em conversa com Maria, sobre o crime do marido:

“Foi a crueldade de Herodes que fez desembainhar os punhais, mas o vosso egoísmo e covardia foram as cordas que ataram os pés e as mãos das vítimas. [...] o carpinteiro podia ter feito tudo, avisar a aldeia de que vinham aí os soldados a matar as crianças, ainda havia tempo para que os pais delas as levassem e fugissem, [...] mais depressa seria perdoado Herodes que o teu marido, mais depressa se perdoará a um traidor que a um renegado.” (SARAMAGO, 2013: 115-116).

José acaba morrendo de forma estúpida, por ficar a velar um conhecido em momento que deveria ter ido embora de certa cidade que estava marcada a ser atacada. Com a morte deste pai, Jesus sente-se desolado e, ao encontrar o cadáver do homem ao chão, herda dele, em riquezas, apenas suas velhas e sujas sandálias e uma túnica. Todavia, como o sangue de José deveria, como nos diz as leis da biologia, correr nas veias de Jesus, também herda o filho os pesadelos que o homem tinha graças ao crime que havia ele cometido e que o fazia sentir-se extremamente culpado. Ao decorrer do amadurecimento do curioso personagem, o Salvador, vemos que ele desprende-se, aos poucos, do orgulho que tinha do pai teoricamente biológico. Quando descobre do ato de José, e da natureza dos sonhos que herdara dele, perde Jesus todo e qualquer apreço que antes tinha pela figura daquele homem cujas sandálias vestia nos pés cansados. Já não mais grita “Pai, meu pai, por que me abandonaste” (SARAMAGO, 2013: 189) em luto à morte dele. José era tão pai d’O Cristo quanto Deus, mas seu defeito era ser apenas homem.

A representação deste homem como pai e sua função no livro parece ser clara. Salma Ferraz nos diz que José serve como um bode expiatório tanto n’*O Evangelho* de Saramago quando no *Antigo Testamento*, pois “carregava em si todos os pecados e todas as culpas, [...] é sacrificado, ou seja, é crucificado, sem se defender” (FERRAZ, 2012: 191). Sendo distanciado por esse viés de seu outro concorrente ao posto paterno da narração, o humilde José se assemelha, porém, a Ele quando sua tormenta e a de Deus são tratadas de formas similares pelo narrador. O carpinteiro precisa fazer a escolha de quem salvar e quem deixar morrer, assim como Deus mostra-se muito mais

vulnerável às diversas possibilidades da vida, diferente deste mesmo personagem quando apresentado pela Bíblia e na cultura religiosa cristalizada.

3 Deus, o pai divino?

Facilmente mutável é também o conceito do personagem de Deus cristão. Assim como Saramago utiliza-se das poucas informações que perduraram até hoje sobre José para tecê-lo à sua maneira, usa o escritor das difusas características atribuídas a um mesmo Deus para moldá-lo e criar um personagem a seu gosto. É ele o maior inimigo do livro, é contra ele que o narrador se embate e, sobre, aplica um constante atrito. Este Deus humanizado – daí a dúvida perante sua denominação de divino – aparece fisicamente poucas vezes durante o enredo, porém é sempre constantemente mencionado e tem seu psicológico muito abordado.

É um personagem tido como carrasco, “estrategista, inflexível, ganancioso, cruel, intolerante, impiedoso, sádico, tirano, sanguinário, manipulador, perverso, irônico”. É caracterizado como um rei que governa seu império, separado com distância de sua essência divina, sublime. (FERRAZ, 2012: 121) Através de diversos episódios, é mostrado por facetas diferentes o apreço deste homem pelo gosto do sangue. Pouco se guarda da imagem do Deus religioso, onipotente, pio e imparcial. Em troca, apresenta-se alguém “que não quer fundar o Cristianismo simplesmente para salvar o homem, mas sim para ampliar seu domínio, deixar de ser Jeová dos Judeus para ser Deus do mundo todo” (Id.: p. 122).

O Deus de Saramago será temente ao homem, de forma contida e indireta. Jesus, seu filho, é o primeiro a perceber isso e a repetir a si mesmo “Não temas, lembra-te que Deus precisa de ti” (SARAMAGO, 2013: 334). Ao reconhecer que sua existência depende do existir e do crer do humano, revela Ele sua preocupação com a divulgação de sua mensagem, de seu poder, que, paradoxalmente, é um poder teoricamente soberano e onipotente, mas dependente de fatores externos. É por isso e para isso que nasce “Jesus Cristo, filho de Deus”. O portador da boa nova vem ao mundo a fim de difundir a palavra do Senhor. Com a data e horário de crucificação marcados assim que sai do ventre da mãe, ele tem muito mais a função de soldado a guiar um exército comandado pelo Pai do que qualquer grau de parentesco possível que pudesse se fazer deste relacionamento cientificamente inexplicável. Não é por menos que a confirmação

da paternidade só é confirmada ao filho no final do livro e da vida de Jesus. Já antes avisado por Pastor, Jesus só acredita que é filho de Deus quando ouve da boca do próprio, ao mesmo tempo que recebe oficialmente a função bélica de espalhar uma religião durante a final jornada de sua vida, que teria destino na cruz, e num céu posterior.

Como pai, Deus é um ótimo psicopata. Fortemente ateu, o escritor recria um personagem advindo de outro personagem previamente “criado”, mas às avessas. Sob o domínio do irônico e frenético narrador, o Criador é um homem que perde as forças na corrida pela paternidade de Jesus. Após recebermos um minucioso relatório de toda e qualquer relação direta que Deus tem com seu tão amado filho, vemos que, de fato, pouco se importa ele com o bem-estar, caráter, saúde, amadurecimento do primeiro e único filho, contanto que faça ele tudo que receba de ordens. Pouco se importa ele com qualquer afazer e responsabilidade que tenha por ser, então, pai.

4 Pastor, o guardador do rebanho

No âmbito de acolher os excluídos, José Saramago inclui de maneira ímpar em seu *Evangelho do Diabo*, nomeado sarcasticamente de Pastor. Tão místico quanto Deus na perspectiva religiosa, o personagem receberá no universo do livro um aspecto também mais humanizado, humilde; dúbio, porém direto e simples. Pastor é o único que decide não dedicar as horas de seus dias a Deus, todavia, isso não faz dele um homem marginal e ruim. Aliás, faz, ironicamente, o total contrário. Por ir contra os fortes preceitos religiosos e contra um ser superior que, na obra, é tido como sanguinário e carrasco, recebe Pastor uma característica serena, tranquila e sábia, a estilo de Alberto Caeiro. “Em sua Teologia do Ateu, Saramago redime o Pastor e transforma-o num verdadeiro e outra vez Lúcifer, [...] ‘aquele que leva a luz’ ” (FERRAZ, 1999: 130).

A relação que o Diabo tem com Jesus é tecida de forma engenhosa e cuidadosa, partindo do pressuposto que ambos não possuem o mínimo grau de parentesco, além de que também não possuem similaridades suficientes para serem considerados próximos sobre qualquer visão. Porém, entra ele em contato com Jesus quando este é ainda pequeno, não possui mais seu pai terreno e pouco sabe de seu pai celeste. Como qualquer outro mortal, o menino de Nazaré está a descobrir o mundo quando conhece a

figura de um Pastor sossegado em seu sítio que lhe oferece abrigo, trabalho e conselhos. Sendo ele tão poderoso quanto Deus e já sabendo dos planos mirabolantes dessa figura, o guardador de ovelhas atua como um conselheiro bondoso na vida de Jesus, na tentativa de afastá-lo do tirano que o esperava na casa dos céus de portas abertas e navalha na mão.

É ele quem anuncia o nascimento de Cristo a Maria e quem deposita, na tigela, uma terra que, estranhamente, brilhava; quem acompanha Maria, com aparições fantásticas, durante toda a sua gravidez; quem aparece na cova, após a matança dos inocentes de Belém, para acusar José, e por extensão, Maria também. É o Diabo quem, anos após, vem a Belém, para levar consigo uma planta enigmática, que nascera onde a tigela fora enterrada; quem aparece para Cristo em Belém na gruta e o convida para ser ovelha do seu rebanho; quem, durante quatro anos, ensinará a Cristo os mistérios da vida, as lições de sabedoria, como, por exemplo, a estupidez do sacrifício das ovelhas. É o Diabo, o Bom Pastor, que salva as suas ovelhas, não permitindo que sejam sacrificadas. É ele quem sobe à barca, na condição revelada de Leviatã, com a estranha missão de Salvar o Salvador e, por extensão, todos os seres humanos "nascidos e por nascer" (Id.: 1999: 128).

O Pastor nada é como pai de Jesus. Pelo contrário, nunca escolheria ele ter filho algum a incomodar seu sossego no campo, separado de Deus e do mundo. Porém, de coração grande, ele se apieda do futuro rei da coroa de espinhos e faz o que pode para protegê-lo de seu destino. Mesmo que desista quando percebe que não obterá sucesso em suas persistentes tentativas de virar seu único discípulo contra Deus, o Diabo exerce o maior papel paterno para Jesus Cristo. O anjo caído dos céus, renegado pelo rei do reino celeste é quem mais dignamente acolhe seu filho na Terra. É ele que vela pelo menino desde sua concepção, que o conhece desde a eternidade. Além disso, Jesus se rebela e renega, em determinados momentos, tanto contra José quanto contra Deus, mas somente deixa a casa de Pastor quando é expulso por ele. Jesus tem um enorme respeito pela figura dele, e parece ser o único a enxergar que não é Pastor o homem demoníaco que pintam as culturas atuais e as da época. Na verdade, sabia ele tanto, ou mais, quanto Deus. “O Diabo, realmente, tentou Deus, tentou-O para que lhe perdoasse, para que evitasse a morte de Cristo, para que evitasse tanto derramamento de sangue inocente [...]” (Id.: 129).

[Deus disse] Que sou seu Filho, Confirmou, Sim, confirmou, Então, o Diabo tinha razão quando foi daquele caso dos porcos, O Diabo também esteve agora no barco, presenciou tudo, parece saber tanto de mim quanto Deus, mas há ocasiões que penso que sabe ainda mais que Deus. (SARAMAGO, 2013: 395).

5 Conclusão

Da mesma maneira que Pessoa é Pai e criador de seus heterônimos, que produzem independentemente, como é o exemplo de *O ano da morte de Ricardo Reis*, onde temos um heterônimo recebendo vida própria desvinculada de seu teórico criador, Saramago também é quem cria estes personagens abordados em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. O papel do escritor é dar vida a um narrador que oporá os personagens entre si, entreterá o leitor através do que julga certo e errado, santificará os renegados e diminuirá os santificados. O narrador do livro tem plena consciência de que conta uma história já contada e recontada centenas de vezes antes dele, mas é na sua própria concepção sobre o conteúdo que está a razão de iniciar mais uma retrospectiva de uma história já decorada por muitos. Este narrador artista, manipulador de bonecos, torna-se mais poderoso que Deus e o mundo, e paternalmente tece sua história ao reflexo de suas próprias ideias.

N^o *O Evangelho* de Saramago é posto em xeque, finalmente, questões obscuras da religião que o autor tanto tentou combater, como o duvidoso dilema, insolúvel pela precariedade dos testes genéticos nos tempos bíblicos, da paternidade de Jesus Cristo. Não que tenha sido este o primeiro livro a tratar do assunto, mas, pensando-se na visão única de Saramago, ele foi, de fato, o pioneiro. Na falta de uma explicação lógica, somos apresentados a uma paternidade inusitada na vida do protagonista, advinda de um caráter repudiado pela religião, mas abraçado pela literatura. A literatura toma, então, para si, o que havia antes sido jogado fora. Refletindo assim, não seria esse, afinal, um dos papéis dela?

Referências

DUARTE, L. M. **O discurso da literatura e o da história.** Discursos. Estudos de Língua e Cultura Portuguesa. Coimbra. n. 7, 1994.

FERRAZ, S. **Dicionário de Personagens da obra de José Saramago.** Blumenau: EDIFURB. 2012.

FERRAZ, S. **O quinto evangelista.** Brasília: UNB. 1999.

GASPARI, S. **Tecendo comparações entre teologia e literatura.** In: FERRAZ, Salma (Org.). Pólen do divino. Blumenau: EDIFURB. 2011.

REMÉDIOS, M. L. R. **O entretecer da história e da ficção.** Discursos. Estudos de Língua e Cultura Portuguesa. Coimbra. n. 7, 1994.

SARAMAGO. **O Evangelho segundo Jesus Cristo.** São Paulo: Companhia das Letras. 2013.